

## **UM ESTUDO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO**

Vera Vilma Fernandes Leite

### **Resumo**

O artigo refere-se ao ensino da Comunicação Verbal e Não Verbal na Graduação em Turismo na Faculdade Dinâmica das Cataratas em Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil. A disciplina é apresentada na grade curricular do Curso no primeiro período com uma carga horária de 80 h/a. A ementa compreende: Noções básicas de linguagem oral e escrita. Os diversos tipos de textos escritos e suas características. Leitura e análise de textos escritos. Produção de texto escrito. Estilística. Análise lingüística. Através de questões interpretativas correlatas ao turismo, principalmente aquelas relacionadas ao comportamento do turista, entre o texto e o pessoal, entre o pessoal e a sociedade.

### **Abstract**

The article mentions the education to it of the Verbal and Not Verbal Communication in the Graduation in Tourism in the Dynamic College of the Cataracts in Estuary of the Iguaçu - Paraná - Brazil. Disciplines it is presented in the curricular grating of the Course in the first period with a schedule load of 80. The summary understands: Basic slight knowledge of verbal language and writing. The diverse types of written texts and its characteristics. Reading and analysis of written texts. Production of written text. Estilística. Linguistic analysis. Through interpretativas questions correlatas to the tourism, mainly those related to the behavior of the tourist, between the text and the staff, the staff and the society.

**Palavras-Chave:** Comunicação, Educação, Turismo.

**Considerações Iniciais:** O artigo refere-se à valorização da comunicação verbal e não verbal no processo de formação para o profissional de Turismo. O Curso de Turismo da Faculdade Dinâmica das Cataratas tem, o principal fundamento, quanto à teoria dinâmica da aprendizagem das ciências gerenciais, a expressa relação com a natureza do processo educativo, inserindo, no ensino do conteúdo do curso, os princípios da educação, entendida como criação de conhecimentos.

**Objetivos:** Tem o propósito de discorrer sobre o Plano de Ensino da Comunicação Verbal e Não Verbal. Os padrões são os da língua dos nossos dias – ou daqueles autores que, mesmo já seculares ou quase seculares, como um Alencar, um Azevedo ou um Machado, continuam atuais, da língua que está nos cronistas do século XX e não do século XV, da dos romancistas, ensaístas e jornalistas de hoje.

## **1 A Gramática como Elemento Básico da Comunicação Verbal e Não Verbal**

A correção gramatical não é tudo – mesmo porque, no tempo e no espaço, seu conceito é muito relativo – e de que a elegância oca, a afetação retórica, a exuberância léxica, o fraseado bonito, em suma, todos os requisitos estilísticos preciosistas e estéreis com mais frequência falseiam a expressão das idéias que contribuem para sua fidedignidade. E principalmente para isto que na execução do ensino da Comunicação Verbal e Não Verbal para o Curso de Turismo, considera-se como virtudes primordiais da frase a *clareza* e a *precisão* (e não se pode ser claro sem se ser medianamente correto) a *coerência* (sem coerência não há legitimamente clareza), e a *ênfase* (uma das condições da clareza, que envolve ainda a elegância sem afetação, o vigor, a expressividade e outros atributos secundários do estilo).

**2 Métodos:** Apresentação de seminários orais, através da compreensão da linguagem verbal e não verbal, entre o que se tem de concreto no espaço vivido com a linguagem de uma cidade turística e a subjetividade da imagem pessoal. Análise de textos e filmes.

Antes de abordar os aspectos relativos ao ensino da Comunicação Verbal e Não Verbal no Curso de Turismo, é relevante precisar o significado de ler. Num sentido amplo, esse ato corresponde ao processo de apreensão da realidade que cerca o indivíduo. Essa realidade se revela ao leitor através das variadas linguagens, portanto, o ato de ler não diz respeito à apreensão da realidade somente através da leitura do escrito, mas também do desenvolvimento da habilidade de comunicação mais precisa e eficaz dentro do grupo social, isso coloca o acadêmico no centro do processo, valorizando o domínio da linguagem verbal (oral e escrita), como meio de favorecer a expressão da individualidade e da integração do docente.

Ao considerar essa dimensão que a linguagem assume para o educando, é necessário observar alguns princípios no desenvolvimento da expressão lingüística tais como:

a- Valorização da expressão oral como ponto de partida, já que, independentemente do domínio da palavra escrita, o oral é a manifestação de uma leitura da realidade;

b- Conscientização de que existem diferentes usos de linguagem e de que há necessidade de adequar sua linguagem à situação de comunicação e ao interlocutor a quem se dirige; para propiciar essa leitura, é preciso transformar a sala de aula em variadas situações de variadas formas lingüística de comunicação.

c- Reconhecimento de que o padrão culto de linguagem (veiculada pela escrita) é uma variante socialmente prestigiada. Feito isso, há uma preocupação com nível de recepção da linguagem para favorecer a interação e a fala culta da língua.

d- Necessidade de apropriação das convenções do padrão culto escrito como meio de ascensão social. Essas atividades são feitas através da produção e instrumentação lingüística com produção oral, escrita e gramática, essas separações em áreas distintas ocorre apenas para efeitos de métodos e apropriação. Na prática, as atividades de linguagem, vêm sempre atreladas às atividades de leitura.

Piletti afirma (1997:p.17) “Ao se conceber o ato de ler como um processo dinâmico, naturalmente se está priorizando a formação de um leitor crítico e criativo”. Isso nada mais é que privilegiar a “leitura do mundo” em detrimento da leitura do escrito, que o acadêmico já traz para a faculdade. O professor de comunicação enfatiza o trabalho de levar o acadêmico a adquirir os mecanismos que lhe permitem o acesso a interpretação entre o texto e o pessoal e entre o pessoal e a sociedade.

Na produção escrita e estudo da oralidade; Piletti (1997: p.38) descreve:

Quando se fala em elaboração, em construção de linguagem, centra-se o foco da atenção, sobre quem está produzindo a mensagem. E por parte do locutor, essa construção implica uma apreensão, um conhecimento da

realidade de que o circunda. Essa leitura primeira se faz da realidade, modifica, reconstrói a partir de uma visão pessoal, e se manifesta mediante uso de uma linguagem e, ao se manifestar esta construção do real, o produtor do texto está se dirigindo a um interlocutor a quem tem intenção de atingir.

Portanto, nas aulas de Comunicação Verbal e Não Verbal, quando se é trabalhado o desenvolvimento da capacidade do acadêmico, dá-se oportunidade a ele de se posicionar frente a suas experiências, expectativas, ansiedades, dogmas e diferentes sistemas de valores apreendidos ao longo de sua vida. Esse processo criativo permite que a individualidade, a identidade cultural e social e as perspectivas geradas através destas mesmas identidades sejam afloradas.

Embora, a produção possa manifestar-se através de novas linguagens, focaliza-se aqui, o processo de produção verbal, entretanto, é importante salientar que o aluno universitário vem com dificuldades de passar para a modalidade escrita da língua, calcando na oralidade e transcrevendo literalmente essa forma oral, isso se dá, principalmente por que na sua formação básica não se deu a devida distinção entre as duas modalidades. Piletti cita (1997:p.39) “ A atenção insuficiente que a escola vem dando a estas distinções configura a existência de uma situação peculiar na realidade do ensino da língua, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da produção de texto”.

Aprender a escrever é sem dúvida, aprender a pensar, a encontrar idéias a elaborá-las, pois não se pode transmitir o que a mente ainda não criou ou não provisionou. Para Garcia (2002:p.301)

Quando os professores nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes sugerirmos roteiros ou rumos para fontes de idéias, sem, por assim dizer, lhes “fertilizarmos a mente”, o resultado é quase sempre desanimados: um aglomerado de frases desconexas, mal redigidas, mal estruturadas, um acúmulo de palavras que se atropelam sem sentido e sem propósito; frases em que procuram fundir idéias que não tenham ou que foram mal pensadas ou mal digeridas.”

Quer dizer, palavras soltas, palavras de dicionário, palavras, não dizendo nada se não estiverem em razoáveis esquemas sobre estrutura frasal, pois só ela cria idéia que agrupadas as palavras fundem-se em discernimentos e expressões claras, pois houve o pensamento com clareza antes da escrita.

Dentro da docência da língua em Turismo desenvolve-se a capacidade do uso da linguagem escrita com ensino da gramática para que haja uma coerência e coesão adequadas ao trabalho escrito.

Para Garcia (2002:p.7)

Em face, pois, desse aspecto da linguagem é justo que nós professores nos preocupemos apenas com a língua, que cuidemos apenas da gramática, que nos interessamos tanto pela colocação dos pronomes átonos, pelo emprego da crase, pelo acento diferencial, pela regência do verbo assistir? Já é tempo de zelarmos com mais assiduidade não só pelo polimento da frase, mas também, e principalmente pela sua carga semântica, procurando dar aos jovens uma orientação capaz de levá-los a pensar com clareza e objetividade para terem o que dizer e poderem expressar-se com eficácia.

É evidente que a cobrança gramatical nos textos escritos não é prioridade na execução do plano de ensino, no que diz respeito à produção de texto, o que é relevante é a criatividade e a criticidade dentro de um contexto de clareza, coerência e eficácia. Para isso, algumas combinações se estabelecem entre a expressão oral e escrita e outros meios de expressão. Vanoye (2002: p.238) descreve: “Aprender a “ler” uma canção, um desenho humorístico, um cartaz, um filme, supõe uma tomada de consciência desses diferentes códigos e das modalidades de suas imbricações”. Por isso, o uso da arte, da música, dos diferentes tipos de texto é relevante à docência da língua, pois em sua origem, linguagem e música eram inseparáveis. Infante (2001: p.84) *apud* francês Paul Valery (1871-1945): “Entre duas palavras, escolha sempre a mais simples; entre duas palavras mais simples, escolha sempre a mais curta.” E Infante ainda afirma “Só use palavras necessárias, precisas, específicas, concisas, simples, e se possível, curtas, Isto é, não diga nem mais, nem menos, do que você quer dizer.” Nas aulas há uma apropriação desse discurso, pois toda palavra tem um peso, ela depende de sua expressividade, de sua capacidade de sintetizar uma informação precisa e clara.

Reconhecemos ser ilusão supor – como já dissemos – que se está apto a escrever quando se conhecem as regras gramaticais e suas exceções, mas óbvio que um mínimo de gramática, indispensável (grafia, pontuação, concordância) mínimo suficiente para que haja a obrigatoriedade do estudante adquirir hábitos de estruturação de frases claras, coerentes e objetivas. O estudante que não tem o que dizer é porque não aprendeu a pôr

em ordem seu pensamento e se não tem o que dizer, as regras gramaticais não lhe bastam, é preciso fornecer-lhe os meios de disciplinar o raciocínio, de estimular-lhe o espírito de observação dos fatos e ensiná-lo a pensar.

Nas diferentes formas de narrar, descrever e dissertar, tem-se a preocupação de fazer o discente entender que há perda de peso, por exemplo, quando o significado é impreciso (caso de “muitos”, “vários” e similares) ou ambíguo (por exemplo, o verbo “poder”, que tanto indica capacidade de fazer algo, como autorização para fazer).

A análise das variedades lingüísticas é dado primeiro enfocando sobre a diversidade lingüística como um conjunto de variedades que se apresentam na região do falante, no nível social do falante, sua escolaridade, sua relação com a escrita e a situação da fala. Segundo Faraco e Tezza (2001: p.12):

Apesar dessa imensa variedade, parece que, de uma forma ou de outra, todos (ou quase todos!) costumamos nos entender razoavelmente, pelo menos em situações básicas de comunicação. Há, ainda, um outro fato bem interessante: em geral as variedades lingüísticas são capazes de intercomunicação, isto é, grande parte das variedades conversam entre si. Em alguns casos, umas comentam as outras, como ocorre quando brincamos com o sotaque de um amigo, ou nas festas juninas em que o falante urbano tenta imitar a fala caipira.

É frisado aos acadêmicos que as variedades podem exercer certa influência sobre as outras e a importância de respeitarmos e entendermos essas variedades como ponto de cultura de um povo.

Ao trabalharmos com seminários orais, estudamos também as falácias, principalmente no que diz respeito a natureza do erro, isto é, erramos raciocinando mal com dados corretos e vice-versa; as credências, as superstições, os tabus são erros: compete ao docente demonstrar que as falsas opiniões deles decorrentes, tiveram como ponto de partida um raciocínio ilegítimo que a lógica chama de sofismo, que é o falso raciocínio elaborado com a intenção de enganar.

As verdades falácias do raciocínio são a ignorância da questão; a mais comum nas polêmicas ou debates, principalmente quando a veemência e a paixão nos desviam insensivelmente da questão em foco, fugimos ao fato, apelando para a emoção. Segundo Garcia (2002:p.318)

Que faz o advogado de defesa, em face das provas contundentes, irrefutáveis, de que o acusado praticou realmente o crime que lhe é imputado? ... apelará para o “bom coração”, para os “sentimentos de humanidade” dos jurados, dizendo que o acusado é um excelente chefe de família, um pai extremoso, trabalhador, honesto, cidadão exemplar...”

Exemplos como este, são válidos para que o acadêmico compreenda que para argumentar, é necessário, ter argumento, fugindo do senso-comum, da observação inexata, isto é, falsear a conclusão, a ignorância da causa ou falsa causa, que traz a generalização, a falsa analogia é probabilidade.

Deve ficar claro ao estudante que seminários, apresentações orais são voltados aos cientificismo, e a importância de ater-se somente a isso.

Finalmente, dentro da ementa, temos também a análise de textos e filmes; textos estes voltados à linguagem e música em que como método buscamos trabalhar a apropriação do discurso e a importância ou domínio da letra em relação à melodia ou vice-versa. A função poética da linguagem é clara, pois trabalha-se a musicalidade, a entonação, as rimas, aliteração e também o quanto a música destinada a ser sustentada pela melodia traz sílabas vazias de sentido, com função puramente poética. Além é claro do cinema, filmes, histórias, narrativas, enredos, podendo a partir deles incluir vários gêneros da linguagem verbal e não-verbal.

**Resultados:** O acadêmico torna-se mais suscetível aos diversos tipos de leitura, e nas diferentes formas interpretativas. Ele passa de simples decodificador de linguagens a um leitor crítico e intérprete de diversas linguagens na qual o Turismo é de relevância fundamental no processo de ensino aprendizagem. Durante o Curso, o acadêmico é preparado para as diferentes leituras correlatas nas áreas de agenciamento, planejamento turístico, marketing, eventos, gastronomia, transportes enfim, todas as esferas responsáveis pela atividade turística.

**Considerações Finais:** A atividade turística não se esgota, os estudos são constantes em decorrência daquela ser dinâmica e a comunicação uma ferramenta de compreensão do espaço, da sociedade e do turismo. No ambiente atual, pós industrial em

que a demanda turística é crescente e representada nos diferenciais de espaços, traços culturais, signos, significantes, expressões e individualidades, fazem uma movimentação de pessoas na busca de conhecimentos de identidades diferenciadas na compreensão que a Comunicação seja ela Verbal ou Não sugere na interpretação do indivíduo e na leitura específica baseada também em seu conhecimento de “mundo” um “olhar” subjetivo do lugar, dentro da liberdade de combinações que permite a cada qual expressar seu pensamento de maneira pessoal, sem ter de repetir sempre, servilmente, frases já feitas, já estereotipadas. E essa liberdade de construir frases está condicionada ao mínimo de gramaticalidade, o que não significa apenas nem necessariamente, correção.

A intenção do estudo da linguagem é ter como resultado a escrita de forma compreensível, leve e internalizada, tendo poder de apropriação da própria escrita. A linguagem é comunicação e nada é comunicado se o discurso não é compreendido.

### **Bibliografia:**

Faraco, C.A. e Tezza, C. **Prática de Textos para Estudantes Universitários.** 8ªEd. Editora: Vozes. Petrópolis. 2001.

Garcia, O.M. **Comunicação em Prosa Moderna..** 22ªEd. Editora FGV. Rio de Janeiro. 2002.

Infante, U. **Do Texto ao Texto.** 6ª Ed. Editora Scipione. São Paulo. 2001.

Piletti, C. **Didática Especial.** 14ª Ed. Editora Ática. São Paulo. 1997.

Vanoye, F. **Usos da Linguagem.** 11ª Ed. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2002.